

## Fala, para que eu te veja

*Teresinha Ponce de Leon*

João Luís entra no consultório aparentando inquietude, traduzida pelos olhos muito abertos, sobrancelhas erguidas. Ao sentar, parece não conseguir acomodar-se na cadeira, mordendo insistentemente o lábio inferior.

De estatura mediana, 37 anos, é professor de ensino médio e ator de teatro. Duas paixões - como ele as define - que exigem integridade vocal para poder desempenhá-las.

A videolaringoscopia trazida, juntamente com o laudo médico, acusa a presença de micro nódulos. A seu pedido, falo com o cirurgião de cabeça e pescoço que o atendera. Este confirma a necessidade da fonoterapia, acrescentando serem bons os prognósticos, caso ele siga corretamente o tratamento. Transmito-lhe isso. Com ar assustado, diz do medo de não poder voltar à sala de aula. De não poder mais subir no palco.

Aqui um parêntese. Particularmente, considero estimulante quando o paciente não interrompe suas atividades ou as retoma, aos poucos, no decorrer da terapia. Sua voz melhora não porque ele permanece durante vários dias fazendo “repouso vocal”, mas porque aprende a utilizá-la corretamente.

A disfonia de João Carlos começara há cerca de cinco meses. Até então ele recorria a gargarejo, pastilhas...gengibre, como fazem muitos artistas. Depois, sua rouquidão, de intermitente passou a ser constante, levando-o a procurar o médico.

A terapia seguia seu curso, sem prejuízo das suas atividades em sala de aula. Ele ainda não tivera coragem de tornar a enfrentar o teatro, temendo que a voz falhasse durante o espetáculo.

Um dia, em meio a uma sessão, ele me disse, à queima-roupa:

— Sabe o que era mesmo que eu queria? Era que quando entrasse no ônibus e abrisse a boca, todo mundo não descobrisse que sou homossexual...

Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise  
[www.traco-freudiano.org](http://www.traco-freudiano.org)

Revista Veredas

Possuidor de um temperamento histriônico, seus trejeitos e entonações refletiam isso embora a rigor, esses aspectos por si só não sejam indicativos de homossexualidade.

Perguntei-lhe porque se sentia denunciado pela voz.

Quando mais jovem, contou-me, gostava de chocar as pessoas com sua maneira de vestir e comportar-se: usava uma sunga de banho cor de rosa com lantejoulas, tamancos de salto alto.

Enquanto falava, sua fisionomia, de grande plasticidade, mostrava-se ora séria , ora sofrida , maliciosa, contrafeita e muito, muito cansada.

Descobriria muito cedo preferir os rapazes. Foram inúmeros os seus casos amorosos. No momento estava só.

João Luís vivia cercado por mulheres. A mãe, a quem é muito ligado - nunca falava sobre o pai que saíra de casa, deixando-o muito pequeno - as tias, e um “monte” de sobrinhos que dependem afetiva e financeiramente dele.

Há muito tempo, segundo ele, vive um conflito ligado à religião. Às vezes, tem vontade de largar tudo e entrar para uma ordem religiosa. Em outras pensa em ganhar muito dinheiro, para produzir e trabalhar ao mesmo tempo em uma peça. Tem amigos religiosos e poderia ficar em um lugar onde encontrasse paz. Diz isso e no mesmo instante brinca com a possibilidade de dar meio expediente no convento e no outro, ser livre, fazer teatro. Ganhar dinheiro.

Por causa disso tudo, fazia terapia há três anos. Individual e em grupo.

Nosso trabalho prosseguia. No entanto, apesar de estarem os nódulos quase totalmente reabsorvidos, a simples menção à sua melhora clínica ou à possibilidade de atuar em uma peça, a rouquidão voltava.

Finalmente, se vê livre dos nódulos, embora persista o medo de retornar à disfonia. Nunca achava que estava curado dela.

Um dia, em uma das últimas sessões, João Luis chega visivelmente transtornado. Motivo? Fora despedido de uma das instituições onde ensinava. O diretor, um religioso, gritara com ele, dizendo “Não quero mais você aqui, ‘sua.. . .’ ! “ Ao que ele, passado o

susto, revidara de pronto : “Nem eu quero ficar aqui, sua . . . . enrustida!” Riu a contar-me isso, comentando, como se estivesse satisfeito consigo mesmo: ”Acabei com ele, chamando-o de ‘..... ‘! Precisava ver a cara que fez!”.

Para você, pergunto, olhando-o, chamar alguém de..... é o pior dos insultos? É assim que se vê?

Reverendo esse caso, muitos anos depois, me interrogo:

— Na sua imaginação, João Luís denunciava sua condição de homossexual, ao falar. Nesse caso, a rouquidão poderia ser uma defesa “encobridora” para o que ele considerava “voz de .....”?

— Vivendo “dividido”, seria possível considerar-se ter havido uma identificação de João Luís com o religioso, que na época vestia saia e representava a parte da espiritualidade ( assexuada ) ?

— Quando seu pai abandonou a casa, João Luís estaria com cerca de dois a três anos. Segundo Freud, o caráter neurótico do sentimento de culpa está ligado à impossibilidade do sujeito de ultrapassar a problemática edípica\*.

— Em 1958, Lacan começa dizendo que o “sintoma” vai no sentido de um desejo e reconhecimento, mas esse desejo permanece excluído, “recalcado”. (Chemama, 1995, ,p.203).

---

Conjunto organizado de investimentos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como a história de Édipo Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso; amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.

Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica.( Laplanche e Pontalis,1999,p.7).